

## ***A cidade & a cidade – China Miéville***

Roteiro para a discussão  
Por Ana Rüsche

### **1. China, um bom companheiro**

China Miéville nasceu em 1972 em Norwich, cidade da Inglaterra, mas passou boa parte da vida em Londres, em Willesden (região só irá pertencer a *Greater London* em 1965).

Esta área é conhecida por ser moradia de operários, indústria pesada e com presença de imigrantes: inicialmente havia uma comunidade irlandesa, que após a Segunda Guerra se expande; no período surge uma comunidade judia de refugiados, pessoas originalmente nascidas na Alemanha, Áustria, Polônia e Rússia; após os anos 1960, pessoas vindas do Caribe, China e Índia se somam ao local. Inclusive, seu nome vem de uma gíria: *old china* significaria *old mate* (“parceiro das antigas”, “velho companheiro”) em Cockney, variação linguística do inglês falado nesta região, conhecido pelas raízes operárias e presente, por exemplo, em *A Clockwork Orange* (1962) de Anthony Burgess e no filme *Snatch* (2000) de Guy Ritchie. Em suas obras, este ambiente multicultural é espelhado: é possível observar como a língua inglesa nunca é vista como “comum” ou “neutra”, sendo *The city & the city* um perfeito exemplo das tensões que a imposição de um idioma comum pode provocar.

### **2. “Socialismo e ficção científica: as duas grandes influências de minha vida”**

Estudou antropologia social um período, mas seguiu mesmo carreira com doutorado em Direito pela London School of Economics, sendo citado no Brasil com seu trabalho a respeito do teórico russo Yevgeny Pashukanis – sua tese de doutorado é a *Between Equal Rights: A Marxist Theory of International Law* (2005).

Filho de mãe solteira batalhadora, interessou-se por estudar o feminismo. Inclusive, atribui a seus estudos sobre feminismo, nos quais descobriu uma totalidade – o patriarcado – a guinada aos estudos marxistas. No marxismo, encontra uma forma de ter mais rigor nos estudos e também ferramentas – a dialética – para se pensar totalidades sem a rigidez dogmática. Escreveu textos teóricos a respeito de ficção fantástica, ficção científica e marxismo a partir das obras de Darco Suvin e Fredric Jameson, como *Red Planets: Marxism and Science Fiction* (com Mark Bould, 2009), e foi editor da revista *Historical Materialism*.

Em suas referências, fala muito de televisão – cita *Doctor Who* (1963-89), *Chorlton and the Wheelies* (1976-79) e *Battle of the Planets* (1978-19), passando pelos *blockbusters* *Independence Day* (1996), *Planet of the Apes* (2001) e sublinha *The Matrix* (irmãs Wachowski, 1999) e *Alien* (Scott, 1979 e

Fincher, 1992). Fã de RPG, menciona ainda D & D – *Dungeons & Dragons*. Desta influência, atribui sua capacidade de “sistematizar mundos”. Também da importância do surrealismo como Max Ernst, Yves Tanguy, Hans Bellmer e Paul Delvaux – incluindo trabalhos visuais como de Frida Kahlo e Escher. Sua vida foi povoada ainda por quadros, com ênfase os *punks*, como Burne Hogarth.

Crítica a esquerda que não consegue aproveitar produtos da indústria cultural para se pensar adiante: “um elitismo cultural de esquerda entre marxistas que se regozijam em ler análises de romances de George Eliott ou sobre os filmes de Ken Loach, mas que titubeiam diante de *Buffy: a caça-vampiros*”.

Política sempre fez parte de seu cotidiano, tendo participado de campanhas contra armas nucleares e apartheid na juventude. Concorreu em 2001 ao parlamento britânico pela Aliança Socialista, tendo recebido 459 votos.<sup>1</sup> Participa da fundação do partido de esquerda *Left Unity*, lançado em novembro de 2013.

### **3. Romances publicados**

Autor de muitos textos – inclusive sobre direito e crítica literária de ficção científica – possui uma lista já longa de romances.

Inicia com *King Rat* (1998) que se passa justamente em Willesden; depois o que se convencionou chamar de ciclo de Bas-Lag com *Perdido Street Station* (2000), que recebeu o Prêmio Arthur C. Clarke e o Prêmio Britânico de Fantasia, *The Scar* (2002), *Iron Council* (2004) e o infanto-juvenil *Un Dun Lun* (2007). Após, publica *The City & the City* (2009), merecedor do Hugo, Arthur C. Clarke, BSFA e World Fantasy Award. Nos últimos tempos, publica *Kraken* (2010), *Embassytown* (2011) e *Railsea* (2012).

### **4. Em defesa de uma ficção radical: *weird fiction***

China Miéville produz o que denomina de *weird fiction*, ficção bizarra. Aponta na ficção um caminho para conseguirmos entender a magnitude da produção desmesurada de mercadorias ou mesmo um caminho para representar a acumulação irracional capitalista. Para dar um exemplo, uma catástrofe como o desastre ambiental em Mariana é mais fácil de ser apreendida por meio de um relato ficcional do que por meio da narrativa ou da leitura dos dados sobre ocorrido – a magnitude do estrago é tamanha que não conseguimos introjetar o fato. Gêneros realistas, então, agiriam muitas vezes ratificando uma aparente normalidade ou forjando uma racionalidade do sistema que não se sustenta. Segundo Miéville:

“A vida “real” sob o capitalismo é uma fantasia: o “realismo”, a rigor, é uma representação “realista” de “um absurdo que é verdade” embora não menos absurdo.

Como já argumentei em outro momento, a noção de que um romance presumidamente

---

<sup>1</sup>[http://news.bbc.co.uk/hi/english/static/vote2001/results\\_constituencies/constituencies/474.stm](http://news.bbc.co.uk/hi/english/static/vote2001/results_constituencies/constituencies/474.stm)

“realista” sobre as desavenças de famílias de classe média, que pareçam hermeticamente fechadas, postas de fora dos conflitos sociais mais amplos, seria menos escapista do que, digamos, *Ratos e gárgulas*, de Mary Gentle – ambientado em um mundo fantástico e que envolve discussões sobre racismo, conflitos industriais, paixões ardentes etc. –, ou *Une Semaine de Bonté*, de Max Ernst (1934) – romance surrealista que, por meio de colagens, reconfigura de forma ameaçadora o mundo burguês em suas representações –, é, claramente, pouco convincente. Livros “realistas” podem até fingir tratar do “mundo real”, mas isso não significa que nele reverberam com maior integridade e discernimento.”

Sua *weird fiction* seria então uma intersecção das tradições do surrealismo com gêneros populares como a *pulp fiction*, com uso do que considera “imagens irreais e improváveis” e trabalho de linguagem a la Lovecraft, “uma espécie de prosa púrpura, alucinante e intensa”, uma escrita que iria contra todas as normas do que se convencionou “escrever bem”. Produz literatura a partir da cultura das massas trabalhadoras, das pessoas desempregadas, das cidades que vivem no subterrâneo de metrô – filiando-se a uma tradição dos “*underground London books*” como o *Neverwhere* (1998) de Neil Gaiman. O autor afirma:

“A fantasia é uma modalidade que, ao construir uma totalidade internamente coerente mas efetivamente impossível – construída tendo como base que o impossível é, para a narrativa em questão, verdade – mimetiza o “absurdo” da modernidade capitalista.”

## **5. Mundos secundários: Beszel e Ul Qoma**

As cidades estão no mesmo nosso planeta terra, mas como uma realidade alternativa. Fábio Fernandes sobre a configuração das cidades de Beszel e Ul Qoma:

“*The City & The City* não se passa em Bas-Lag, mas numa versão paralela de nosso próprio mundo, na cidade fictícia de Beszel, em algum lugar do leste europeu. Ali, o que seria um simples assassinato de rotina para o Inspetor Tyador Borlú, do Esquadrão de Crimes Radicais, se torna a ponta de um iceberg muito maior, que revela conspirações estranhas e incompreensíveis. Borlú terá de viajar de Beszel à única metrópole na Terra mais estranha que a sua própria, a cidade de Ul Qoma, cujas fronteiras precisam ser atravessadas não só física como psiquicamente.”

Situam-se entre Hungria, Balcãs, Turquia, com influências turcas. Segundo Antonio Luiz M. C. Costa, Beszel significaria “fala” em húngaro e Qoma “chão” em hebraico. Cidades antigas na configurações dos conflitos e nas divisões, entre o que os europeus denominariam de “oriental”.

É importante se entender a metáfora da *clivagem* como base para o nascimento das cidades.

## **6. Gênero *noir*: o detetive e as mulheres**

Nosso narrador Tyador Borlú do Esquadrão de Crimes Hediondos de Beszel. Detetive antigo de profissão (“eu não era o primeiro detetive ali – vi Bardo Naustin e mais uns dois –, mas era o mais antigo”, p. 15), natural de Beszel e fluente em inglês e illitano (idioma de Ul Qoma). Experiente na burocracia, com ações corajosas, mas sem muito traquejo no jogo político. Sobre os locais em que atua, embora possuam zonas empobrecidas e decadentes, a polícia parece trabalhar com certo rigor e assassinatos parecem ser raros (o que seria diferente se fosse tematizado uma região no Terceiro Mundo). O uso da tecnologia oscila, de conexões discadas a acuradas análises de DNA e existência de “.up startups”. Há algumas quebras do gênero em primeira pessoa – como quando se explica as diferenças entre os idiomas em Beszel e Ul Qoma (p. 51).

A narração em primeira pessoa é feita em um mundo em que há contrabando, jogatinas e mulheres mortas de salto alto, uma evocação do gênero *noir*, consagrado na literatura estadunidense e produzido entre 1939 e 1950. Raymond Chandler é um representante do gênero (Miéville cita-o nos agradecimentos no início do livro), conhecido por escrever romances de ambientação soturna, com ações perigosas e palavrões, crimes feitos por gângsters, tiros, com mulheres de batom vermelho e vestido curto, névoa de cigarros e copos uísque com gelo.

Na recriação de Miéville, o detetive Tyador Borlú parece ter uma visão menos sexista em suas relações ocasionais com mulheres (as amantes Sariska e Biszaya), assim como reconhece o trabalho das colegas mulheres, como Corwi (faz questão de ressaltar com o adjetivo “excelente”, o que aponta que talvez não seja tão comum a equiparação no trabalho de homens e mulheres). Entretanto, a nossa vítima, Mahalia Geary, é a clássica “jovem bonita”, encontrada morta:

“Ela estava quase nua, e era triste ver sua pele lisa naquela manhã fria, não perturbada por nenhum arrepio. Usava apenas meias rasgadas, um pé calçava sapato de salto alto”, p. 16.

Um dos temas clássicos do *noir*, a *mulher misteriosa*, é corporificado na vítima: a mulher morta sobre a qual gira o livro é um dos mistérios que envolve inclusive a clivagem das duas cidades. Utiliza nomes falsos, Marya em Ul Qoma e Byela Mar em Beszel. Descrita nas palavras de Drodin da Frente de Solidariedade Beszqoma como “Garota estrangeira, novinha, inteligente, misteriosa? *Intensa?*” (p. 58). Na primeira vez em que sua identidade é revelada:

“– Mahalia Geary. Ela tinha vinte e quatro anos. Norte-americana. Isso tudo foi descoberto pela minha assistente, a investigadora Corwi, todas essas informações, senhoras e senhores.”

A descrição aponta a força da tradição que impacta o romance, como se o gênero *noir* não pudesse ser mantido ou imaginado sem uma vítima “jovem bonita” e responsável por ações que

desafiam o poder (“desmiolada?”), necessitando que alguém “cuide ou tome conta” dela, um julgamento paternalista do narrador, mesmo que esteja agora morta:

“Essa Garota Assassinada Estrangeira Fulana Byela precisa de alguém para cuidar dela – fiz Corwi olhar para mim, esperando. - Nós não somos as melhores pessoas, Corwi. Ela merece coisa melhor do que podemos fazer. Ninguém vai ser capaz de cuidar dela como a Brecha. Meu Deus, quem consegue a Brecha a seu favor? Para farejar um assassino?” (p. 63).

“Lá estava ela, a nossa vítima – seu arquivo, sua foto, nossa máscara mortuária e, de repente, fotografias, um tanto surpreendentes dela em vida, monocromáticas e manchadas da tinta do fax, mas ali, nossa mulher morta sorrindo e fumando um cigarro, no meio de uma palavra, a boca aberta.” (p. 64)

### ***7. The Breach***

A Brecha é uma ‘força alienígena’ que pune quem se atrever a enfrentar a cissão entre as duas cidades. Livros, mapas e pesquisa foram proibidos para que não se provoque a Brecha. O treino para obedecer as ordens começa muito cedo para crianças das duas cidades:

“Quando crianças, costumávamos brincar de Brecha. Nunca gostei muito desse jogo, mas aceitava minha vez me esgueirando sobre linhas marcadas por giz e sendo caçado pelos meus amigos, seus rostos em expressões assustadoras, suas mãos curvadas em forma de garras. Eu também fazia o papel do caçador, se fosse a minha vez de ser invocado. Isso, juntamente com puxar paus e pedras do chão e afirmar que eram o veio principal da magia *besz*, e a mistura de pique e esconde-esconde chamada Caça aos *Insilados*, eram jogos comuns.”

Durante o percurso do detetive, iremos conhecer A Brecha por dentro,

### **8. Linguagem: como representar um idioma que não existe?**

A narração é feita em inglês, embora nosso narrador-detetive domine o idioma somente como língua estrangeira. Este uso da linguagem cria um efeito de sentido interessante no livro. Miéville sobre a opção pela linguagem no romance: “Eu vinha lendo muito da literatura do Leste Europeu, em tradução para o inglês. Apesar de obviamente todos esses idiomas terem suas próprias cadências e especificidades, encontrei nas traduções um tipo específico de poesia, estranha e precisa, que ligeiramente afeta a leitura em inglês. É uma forma de estranhamento criada pela tradução, e eu quis passar esse estranhamento no meu livro. A intenção era que ele fosse lido em inglês como uma obra muito bem traduzida a partir de um idioma sem nome”

Fábio Fernandes, tradutor da obra ao português que teve que se haver com o desafio, completa: “Outra prova do talento e do rigor de Miéville neste livro é o esforço que ele faz para

emular o *pidgin English* – o inglês “porco” de um falante do Leste Europeu que não tem o inglês como idioma nativo e que precisa pensar antes de enunciar.”

### Algumas referências

AMARAL, Adriana. **Visões perigosas**: uma arque-genealogia do cyberpunk. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CARNEIRO, André. **Introdução ao estudo da “science fiction”**. São Paulo: Scorpio, 2004.

COSTA, Antonio Luiz M. C. **Como se desaprende a desver?**, blog Carta Capital, <https://www.cartacapital.com.br/blogs/antonio-luiz/como-se-desaprende-a-desver-7324.html>

COSTA, Joana Garcia. **Steampunk**: Utopismo e Neovitorianismo nos séculos XX e XXI. Dissertação de Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas Especialização em Estudos Ingleses e Norte-Americanos, FCSH – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, 2013.

CUNHA, Fausto. **A ficção científica no Brasil**. In: ALLEN, L. David. *No mundo da ficção científica*. Trad. Antonio Alexandre Faccioli e Gregório Pelegi Toloy. São Paulo: Summus, 1974.

FERNANDES, Fábio. **A construção do imaginário cyber**: William Gibson, criador da cibercultura. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006.

FERNANDES, Fábio. **Arthur C. Clarke e William Gibson**: visões da aldeia global de McLuhan no futuro próximo. Revista GHREBH: São Paulo, mar. 2003. Disponível em: <http://revista.cisc.org.br/ghrebh2/artigos/02fabiofernandes032003.html>. Acesso em: 14 de dez. 2014.

FERNANDES, Fábio. **China Miéville – este é o cara (que você não conhece)**. In Cadernos de Não-ficção, Ano II, número 2, Não Editora, Porto Alegre, 2009. p. 11 – 25. Disponível em [http://www.naoeditora.com.br/wp-content/uploads/pdfs/cadernos\\_de\\_nao\\_ficcao-02.pdf](http://www.naoeditora.com.br/wp-content/uploads/pdfs/cadernos_de_nao_ficcao-02.pdf)

FRELIK, Pawel. **Of Slipstream and Others**: SF and Genre Boundary Discourses. In Science Fiction Studies N. 113 V. 38, March 2011. Disponível em <http://www.depauw.edu/sfs/backissues/113/frelik.html>

GADD, Nicole e WIGHT, Linda. **Sublime and grotesque**: the aesthetic development of weird fiction in the work of H. P. Lovecraft and China Miéville. Revista Abusões, e-ISSN: 2525-4022. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/abusoes/article/view/27428>

JAMESON, Fredric. **Archaeologies of the future**: the desire called utopia and other science fictions. London: Verso, 2005.

JAMESON, Fredric. **Reificação e utopia na cultura de massa**. In: Crítica Marxista. São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 1-26, 1994. Disponível em: [http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/CM\\_1.2.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/CM_1.2.pdf). Acesso em: 14 de dez. 2014.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MCDONALD, John e MIÉVILLE, China. **Fantasy, science fiction, and politics** – China Miéville interviewed by John McDonald. International Socialist Review, Issue #75. Disponível em <https://isreview.org/issue/75/fantasy-science-fiction-and-politics>

MIÉVILLE, China e BOULD, Mark. **Red Planets**: Marxism And Science Fiction. Topics Science Fiction, Marxism, Literary Criticism, Usage Public Domain Mark 1.0, 2009.

MIÉVILLE, China e GORDON, John. **Reveling in Genre**: An Interview with China Miéville. Science Fiction Studies, Vol. 30, No. 3, The British SF Boom (Nov., 2003), pp. 355-373. <http://www.depauw.edu/sfs/interviews/mievilleinterview.htm>

MIÉVILLE, China. **50 Sci-Fi & Fantasy Works Every Socialist Should Read**. Disponível em <http://theweeklyansible.tumblr.com/post/20777236577/50-sci-fi-fantasy-works-every-socialist-should>

MIÉVILLE, China. **Marxismo e fantasia**. trad. Kim Doria. In Margem Esquerda n.23. In Dossiê: O Brasil entre o novo e o social desenvolvimentismo <https://boitempoeditorial.files.wordpress.com/2014/11/marxismo-e-fantasia-china-mic3a9ville.pdf>

MIÉVILLE, China. **Multilateralism as Terror**: International Law, Haiti and Imperialism. Finnish Yearbook of International Law 19 , 2008, pp. 63-92. ISSN 0786-6453. <http://eprints.bbk.ac.uk/783/>

MIÉVILLE, China. **The City & the City**: Bookclub BBC Radio 4, <http://www.bbc.co.uk/programmes/b06mblgl>

MIRANDA, André. **Renovador da literatura fantástica, China Miéville tem sua obra lançada no Brasil**. O Globo, 18/12/2014, <https://oglobo.globo.com/cultura/renovador-da-literatura-fantastica-china-mieville-tem-sua-obra-lancada-no-brasil-14859398>

RÜSCHE, Ana. **Utopia, feminismo e resignação em *The left Hand of Darkness* e *The Handmaid's Tale***. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários e Linguísticos em Inglês do DLM-FFLCH, Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-09092015-164853/pt-br.php>

SUVIN, Darko. **An interview with Darko Suvin**: science fiction and history, cyberpunk, russia. In: Science Fiction Studies. Greencastle, IN, vol. 18, n. 54, p. 253-261, jul. 1991.

SUVIN, Darko. **Metamorphoses of science fiction**: on the poetics and history of a literary genre. New Haven: Yale University, 1979.